

## TRADUÇÃO

### Husserl e a ideia da filosofia<sup>1</sup>

#### Husserl et l'idée de la philosophie. Revue

Paul-L. Landsberg

Tradutor<sup>2</sup>

Guilherme Felipe Carvalho

154

I

A imensa influência que a obra de Husserl exerce sobre a filosofia alemã de nosso século, não é imediatamente compreensível ao leitor atual. Encontra-se nela um pensamento muito seguro e uma fidelidade evidente na busca da verdade pura, mas é vã a busca por soluções referentes às questões que o perseguem e conduzem-no ao filósofo. É possível que, ao final de um trabalho muito árduo, o leitor não sinta que encontrou respostas capazes de orientar sua busca pelo sentido da vida individual e social. Mas é preciso dizer que essa aridez da doutrina esconde uma alma da qual os discípulos de Husserl sentiram a sedução e a força. A significação histórica da filosofia de Husserl comporta um verdadeiro renascimento de uma ideia autêntica de filosofia. A grandeza de um filósofo não é determinada por esta ou aquela de suas doutrinas ou mesmo por um sistema como um todo, mas pelo significado que ele confere à filosofia: e, em primeiro lugar, de uma forma fundamental, através do próprio ato filosófico e, em seguida, através de seu modo de compreender e interpretar tal ato.

No momento de aparição das primeiras *Logische Untersuchungen*, de Husserl, em 1900, uma dissociação funesta da filosofia tornou-se evidente para todos, uma dissociação que hoje, em todos os países da Europa, está longe de ser ultrapassada: a dissociação entre uma filosofia científica e uma filosofia literária. Por um lado, a filosofia foi reduzida, para uso de alguns estudiosos, a uma espécie de polícia científica, a uma metodologia e a uma reflexão sobre as regras da racionalidade

<sup>1</sup> LANDSBERG, Paul-L. Husserl et l'idée de la philosophie. Revue Internationale de Philosophie, Vol. 1, No. 2, pp. 317-325, 15 Janvier, 1939.

<sup>2</sup> E-Mail: [guilhermefelipe589@gmail.com](mailto:guilhermefelipe589@gmail.com)

científica. Por outro lado, as noções filosóficas misturaram-se com o jogo caótico do espírito que o romantismo havia inaugurado. Alguns subordinaram a ideia de filosofia a um ideal de verdade e de método que tinha tido sucesso em outros lugares, mas que não tinha origem nela; outros ignoraram qualquer ideia de verdade e procuraram apenas exprimir a sua individualidade, senão deslumbrar.

Nesta situação, o primeiro volume<sup>3</sup> das *Logische Untersuchungen* representou doutrina e ação salutares. Através do conteúdo de seu livro, Husserl ofereceu uma crítica ao psicologismo, que era então uma das formas mais difundidas de identificação da filosofia com uma ciência particular. Pelo método de sua obra, ele deu o exemplo de uma racionalidade especificamente filosófica que parecia mais rigorosa, e não mais branda, do que a racionalidade propriamente científica em suas diversas formas. Ao pôr fora de dúvida a independência dos problemas lógicos de qualquer questão relativa à psicologia do pensamento humano, ele libertou a filosofia de uma verdadeira ameaça de suicídio. Ninguém, depois dessa crítica, poderia mais confundir as relações lógicas com relações empíricas, as condições psicológicas da realização do ato intencional com a essência do mesmo e o próprio ato com seu conteúdo. Esta crítica dá ainda hoje o exemplo de uma contribuição definitiva, impressão tão rara na filosofia legítima.

Não se pode ignorar a necessidade de certeza de um pensador que, no extremo oposto de todas as formas de jornalismo superior, pensou *sub specie aeterni*, por instinto e por virtude.

No famoso artigo da “Logos” *Philosophie als strenge Wissenschaft* (A filosofia como ciência rigorosa)<sup>4</sup>, Husserl procurou formular o sentido que deu à ideia de filosofia. Neste artigo, pretende distinguir sobretudo as suas intenções dos esforços mais ou menos meritórios daqueles que utilizam a filosofia para criar uma *Weltanschauung*<sup>5</sup>. A tarefa da filosofia, segundo Husserl, não é a satisfação de uma necessidade do homem, mas a descoberta de uma ideia que existe em si mesma. Ao mesmo tempo, era inegável que a ideia de ciência rigorosa que ele defendia não era o resultado de uma análise das ciências particulares. O que esta ideia tem em comum com a ideia de ciência imanente à investigação das ciências exatas é uma orientação rigorosa para uma ideia de verdade objetiva, o ideal de uma investigação impessoal e virtualmente coletiva. Mas essa analogia se explica pelo fato de que a ideia de ciência segundo Husserl, representa a retomada de uma ideia de ciência que precede a ideia moderna e da qual esta depende historicamente. Husserl renova a antiga ideia de *episteme*, de unidade de um conhecimento necessário englobando *de jure*<sup>6</sup> toda uma estrutura apriorística do universo. A filosofia não se encontra, portanto, falseada como no cientificismo pela subordinação de sua ideia a um ideal de ciência extraído de outro lugar; aqui, a própria

<sup>3</sup> HUSSERL, Edmund. (Husserliana XVIII) *Logische Untersuchungen*. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik, ed. Holenstein Elmar, in *Husserliana*, Band XVIII, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1975 (N. do T.).

<sup>4</sup> HUSSERL, Edmund. (Husserliana XXV) *Philosophie als strenge Wissenschaft*. In: *Aufsätze und Vorträge* (1911-1921). Dordrecht, Martinus Nijhoff Publishers, 1987 (N. do T.).

<sup>5</sup> “Visão de mundo” (N. do T.).

<sup>6</sup> “Por/de direito” (N. do T.).

ideia de ciência é determinada principalmente em relação a uma aspiração filosófica e universal. Para Husserl, a filosofia não é uma ciência ou uma espécie anexa às ciências, ela é *A Ciência*.

### II

A ideia que Husserl tinha da filosofia não é mais a nossa. Mas acreditamos, no entanto, que ela significa uma das possibilidades autênticas da vida filosófica. Há uma distinção radical a fazer entre os chamados racionalismos contaminados por um empirismo simplista que vemos renovar-se hoje e o racionalismo de bom grado tal como Husserl o representa. De ele até a Escola de Viena, há uma verdadeira decadência da filosofia científica. Esforçamo-nos atualmente para tentar reintroduzir na reflexão filosófica os problemas do concreto, da história, da ação, existência, vida e morte, que são irreduzíveis à “razão da geometria”. Todos estes problemas permaneceram fora dos interesses e das ocupações de Husserl. A direção do trabalho de nossa geração filosófica está intimamente ligada a uma transformação da própria ideia de filosofia. Para nós, Scheler e Heidegger aproximam-se mais do que Husserl do núcleo de vida da ideia de filosofia, ao distinguirem radicalmente a atividade filosófica de qualquer tipo de investigação científica. Compreende-se bem que tal distinção não deve nos conduzir a uma separação radical entre as ciências e a filosofia, nem sobretudo, a um novo gênero, talvez um pouco mais solene, de filosofia de folhetim: a relação recíproca entre as ciências e a filosofia é complexa e deve ser íntima.

O caminho que percorremos não nos deve impedir de vislumbrar que na Alemanha o renascimento da filosofia autêntica começou decisivamente com Husserl. Há mais: quando falamos de existência, em particular de existência filosófica e de filosofia existencial, não podemos perder de vista que elas se realizam, em primeiro lugar, sem refletir sobre si mesmas, e que, na vida de um pensador como foi a de Husserl, há mais *fidelidade existencial* do que na patética retórica sobre o êxtase, a violência da vida e a existência concreta que, infelizmente, está a se tornar moda. Certamente, de seu ponto de vista, Kierkegaard estava certo quando opôs o pensamento do filósofo à existência, mas a presença real de um Husserl, um autêntico representante do pensamento puro, desmente, de uma maneira ela propriamente paradoxal, o paradoxo do anti-hegeliano dinamarquês. Segundo Husserl, o sacrifício da personalidade ao pensamento engendrara uma forma mais elevada de existência pessoal. A sua vida consistiu essencialmente num ato permanente de devoção a uma verdade concebida como supra-pessoal. É essa concepção de verdade e não a vida dedicada à pesquisa que constitui um sujeito possível de crítica filosófica.

Se em Husserl o problema do conhecimento permaneceu no centro da filosofia, não foi por uma preferência subjetiva, nem por uma incapacidade de conceber os problemas do ser, mas porque a ideia de ser estava para ele ligada à ideia de identidade absoluta e que o índice infalível de tal identidade imutável somente poderia ser encontrado no caráter de necessidade pertencente ao conhecimento mais rigoroso e perfeito. Aqui novamente Husserl se opõe tanto ao irracionalismo quanto ao comum dos racionalistas. A sua *Wesensschau* (intuição de essências) não é mais do que a

156

apercepção de uma relação transcendente por ocasião da percepção de uma realidade contingente. Não se trata de aceder intuitivamente a qualquer *realidade* da vida ou da história. Trata-se de tocar uma esfera ideal onde reina a necessidade matemática, essa óbvia e luminosa necessidade que é, parece-me, a verdadeira divindade dos racionalistas, o seu protetor soberano contra o demônio obscuro de outra necessidade. A fatalidade concreta da vida temporal não lhes interessa. Eles fogem para o eterno com a ajuda de um pensamento que almeja ser atemporal.

Dentre os filósofos que viveram da fé na razão, talvez tenha sido Husserl quem deu à razão o maior imediatismo, mesmo que isso significasse pagar por ela inelutavelmente com a realidade do que pode ser acessível à intuição razoável. O método da *redução* e o *idealismo transcendental* concebidos em *Ideias [I] (Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie)*<sup>7</sup>, representam apenas a consciência do significado fundamental de uma posição que já era imanente nas *Logische Untersuchungen*. Já neste primeiro livro o divórcio entre Husserl e Scheler tinha sido pré-formado: Scheler, este espírito ávido de todos os tipos de realidades, vivendo em uma intuição polimórfica do real. Parece que há dois tipos muito diferentes de filósofos. Alguns esforçam-se por penetrar com uma luz limitada nos mistérios da realidade concreta e da vida vivida. Outros, como Husserl, aspiram a uma clareza absoluta, a uma região espiritual que precede ou transcende a existência humana. Para alguns, a consciência é uma produção rara e frágil do ser, para outros, o ser deve significar uma produção da consciência, que é a clareza. Esta oposição não impede que Scheler e muitos outros espíritos não destinados ao racionalismo transcendental recebam como uma libertação a doutrina que emancipou do domínio empirista a noção de experiência, e que destruiu o falso dilema entre um empirismo mutilado por uma hipótese sensualista e um racionalismo reduzido a um pensamento desprovido de intuição. A possibilidade de conceber outras formas de experiência para além das admitidas pela hipótese sensualista foi eminentemente fecunda. Isso deveria conduzir a muitas outras descobertas para além da de uma racionalidade imediata na região da lógica e da consciência pura. O sensualismo clássico revelou-se como uma limitação arbitrária da experiência real. A Escola dos psicólogos estruturais não tardou em mostrar definitivamente que esse sensualismo parte de uma ficção apriorística que substitui a verdadeira experiência sensorial. A noção de *Wesensschau* na forma que lhe foi dada por Husserl está muito mais próxima da noção de intuição em Descartes do que da noção de intuição em Bergson. Mas os dois pensadores contemporâneos, apesar de tudo, têm uma eficácia análoga e, à sua maneira, renovam o sentido dos *dados imediatos da consciência* e de uma filosofia da experiência. Husserl conduziu a filosofia a uma direção que não era a sua própria. Isso não impede que a sua influência seja autêntica. Enquanto outros seguiram caminhos diferentes, ele reabriu as portas e deu ao conceito de experiência um dinamismo, um sentido imediato e uma certa virgindade que havia sido perdida no século dezenove.

<sup>7</sup> HUSSERL, Edmund. (Husserliana III) *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch, in *Husserliana*, Band III, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1976 (N. do T.).

### III

Em sua última obra, o ensaio sobre a Crise das ciências europeias [*Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*]<sup>8</sup>, publicado em 1936, Husserl queria dar uma elucidação histórica de sua posição como sendo o resultado lógico da história do espírito ocidental. Ele compreendeu profundamente que era o herdeiro do grande racionalismo desde os gregos até Descartes e Locke, mas nunca chegou a refletir sobre os limites históricos desse próprio movimento racionalista e sobre o caráter subjetivo inerente a seus impulsos últimos e à escolha de seus objetivos. A força de Husserl estava ligada a essa ausência de dúvida em certos assuntos. Esta limitação conferiu um caráter trágico à sua vida exclusivamente dedicada à filosofia. Um tal pensador deve conceber que todas as verdades possíveis devem ser descobertas de uma maneira essencialmente não histórica e fixadas de uma vez por todas, em um determinado momento. Sua especulação sobre a história chega, bem como a de Hegel, a negar o caráter do acaso desse momento e a mostrar por que a verdade filosófica deveria intervir justamente na época em que o próprio filósofo vive.

Deste modo, a investigação pela verdade pode ser compreendida como um fenômeno histórico, mas o caráter histórico da própria verdade humana permanece oculto, precisamente porque a verdade, para uma tal mentalidade, não é inerente a uma realidade que possa ser histórica, mas porque é, transcendente, por definição a toda a realidade, porque a luz brilha por si mesma e não em relação à obscuridade e isto antes da obscuridade da existência real. Por conseguinte, tal filósofo é *forçado* a ver em sua própria filosofia, como os grandes construtores racionalistas, a aquisição do sistema que conteria a totalidade transcendente da verdade eterna e pura, ou pelo menos, como Descartes, a descoberta final do método sempre procurado, que pode conduzir, ao longo das gerações, a uma ciência perfeita e a uma certeza última. A extrema modéstia pessoal não pode impedir um pensador deste gênero de ter apenas uma escolha: ou ver em sua própria filosofia um erro absoluto ou mesmo reivindicar a conquista definitiva de uma verdade eterna, atualmente como um sistema ou virtualmente como um método.

O filósofo cartesiano que Husserl foi, deve ter pensado, como Malebranche ou Spinoza, que no método fenomenológico tinha encontrado o método racional de investigação da verdade. Ele se dirige, portanto, às gerações futuras, convidando-as a abandonar caminhos falsos e incertos e a segui-lo em sua caminhada laboriosa, mas segura, rumo à verdade.

Ora, entretanto, o homem e os seus problemas sofrem transformações históricas. As novas gerações estão à procura de novas formas de soluções para novos problemas que lhes são postos pelas suas próprias situações. A evolução incessante do espírito humano não consiste apenas num percurso em direção à solução de problemas idênticos e na procura de meios cada vez mais adequados para os resolver. Se

---

<sup>8</sup> HUSSERL, Edmund. (Husserliana VI) *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie. Nijhoff, Den Haag, 1976 (N. do T.).

experimentamos em toda a inquietação filosófica como na vida de cada um, alguns mistérios universais, estes assumem formas diferentes segundo a situação concreta do homem na história. Os problemas de uma época são, então, regularmente substituídos por outros problemas sem serem definitivamente resolvidos. Perdem, por assim dizer, seu interesse, sua realidade, sua necessidade vital.

A história da filosofia é muito mais uma história dos problemas que os espíritos dos homens colocam segundo suas próprias leis ao longo de sua história do que um caminho rumo às respostas definitivas a problemas imutáveis. Nas ciências, toda a verdade é provisória, mas se integra a um progresso relativamente contínuo. Em filosofia, os aspectos complementares dos mistérios fundamentais de nossa vida somente poderiam ser visíveis de uma só vez a um espírito supratemporal e radicalmente supra-humano. Assim, o filósofo racionalista deve viver, como a sua tragédia e a da verdade, o fato necessário de que aqueles que o seguem são muitas vezes profundamente influenciados por ele, mas se recusam, precisamente na medida de seu próprio valor filosófico, a *continuar*, no sentido estrito e formal do termo, o trabalho que ele acredita ter começado. A preocupação quase desesperada de não admitir o direito dessa evolução, o desejo patético de opor a força da evidência contra o próprio fluxo da história já davam, em 1919, ao rosto nobre de Husserl, uma expressão singularmente dolorosa que não era de modo algum a de uma vaidade ferida. A admiração fiel que então todos os espíritos filosóficos da Alemanha, dignos desse nome, tinham por ele, a importância certa que sua obra adquirira para todos eles, não podiam consolá-lo pelo fato de que cada um deles estava seguindo seu próprio caminho. Quando concebemos a noção de verdade à maneira clássica, que implica extratemporalidade e estabilidade absoluta, somente nos resta escolher entre o racionalismo deste gênero, com todas as consequências que ele acarreta, e o desespero mais ou menos frívolo do relativismo. Ainda foi um dos méritos decisivos de Husserl ter mostrado no início do século o absurdo de todo gênero de relativismo psicológico. Mas restava o problema angustiante da consciência histórica definitivamente adquirida, que forçava o racionalismo a uma espécie de arrogância impossível quando tinha de reivindicar para si a posse de um sistema ou método *verdadeiro* em um sentido estritamente extra-histórico. É impossível conceber a história da humanidade separada do racionalismo ocidental como uma história de erros, é igualmente impossível opor o racionalismo historicamente dado ao resto da história humana como a época da tomada de posse do espírito por si mesmo. Restava encontrar a dimensão histórica da verdade para fechar o abismo que Hegel havia aberto com a sua concepção da historicidade do espírito e que apenas ficticiamente tinha fechado com a construção do seu sistema. Segundo sua lei mais profunda, o caminho de Husserl não poderia conduzi-lo a uma filosofia do tempo e da história, já procurada por Dilthey. Oriundo das matemáticas e dotado de um espírito quase exclusivamente “geométrico”, Husserl transmitia a impressão de um estrangeiro ao historicismo moderno; seus julgamentos históricos costumam mostrar uma certa ingenuidade quando ele procura, por exemplo, caminhos inacabados para a fenomenologia na filosofia inglesa do século dezoito. Sua maestria prodigiosa na análise da

intencionalidade da consciência nunca o conduziu à compreensão do ser humano em sua totalidade real.

Sem dúvida, o apersonalismo decidido de um jovem fenomenólogo francês extrai legitimamente as consequências ulteriores do método de Husserl ao fazer uma pre-entidade propriamente mística da consciência transcendental constitutiva de todas as existências (Sartre).

Nós pensamos que a admiração e o reconhecimento devidos a Husserl e sua obra têm um significado infinitamente mais profundo do que toda crítica; não porque acaba de morrer<sup>9</sup> ou porque, perante a nova barbárie que nos ameaça<sup>10</sup>, se solidarizam todos os que procuram salvaguardar a dignidade livre do homem e do seu pensamento; mas porque, como muitos outros, acreditamos que foi no “seminário” de Husserl que tivemos o nosso primeiro contato com a filosofia autêntica, um contato que se revelou inesquecível, apesar de termos sido posteriormente conduzidos a procurar a verdade por caminhos muito diferentes. Em Husserl, aprendemos o que era servir à filosofia, com desprezo pelo arbítrio e pela subjetividade vaidosa. Sua tragédia era tão autêntica quanto sua ideia de filosofia, e sua existência identificava-se supremamente com a da razão.

Submetido: 24 de julho 2023

Aceito: 10 de agosto 2023

160

---

<sup>9</sup> Este texto foi publicado alguns meses após a morte de Husserl, em 1938 (N. do T.).

<sup>10</sup> Provavelmente, o autor está se referindo à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (N. do T.).